

“A Passeata dos “Cem Mil” na Cidade do Rio de Janeiro no Ano de
“1968”

Simone Dubeux Berardo Carneiro da Cunha

XXIV Encontro Anual da ANPOCS
GT 1 Biografia e Memória
23 a 26 de Outubro de 2000
Petrópolis

A Passeata dos “Cem Mil” na Cidade do Rio de Janeiro no Ano de “1968”

Introdução:

...**A cidade.** Vista do Alto ela é fabril e imaginária, se entrega inteira como se estivesse pronta. Vista do Alto, com seus bairros, ruas e avenidas, **a cidade é o refúgio do homem**, pertence a todos e a ninguém. Mas vista de perto, **revela** o seu turbido presente, **sua carnadura de pânico**: as pessoas que vão e vêm que entram e saem, que passam sem rir, sem falar, entre apitos e gases. Ah, o escuro **sangue urbano** movido a juros (A Vida Bate – Ferreira Gullar).

Este trabalho¹ tem por objetivo refletir sobre algumas questões relativas ao evento que passou a ser conhecido como a passeata dos cem mil na cidade do Rio de Janeiro. Comecei a construir o trabalho pensando os lugares que eram importantes para a realização da passeata. Assim como elaborei algumas entrevistas que trataram do tema da passeata, mas também de outros eventos que ocorreram e que lembravam essa época. Comecei primeiro a pensar a importância simbólica do espaço desse evento, assim como as mudanças que estavam ocorrendo durante a década de 60.

Quais os grupos que participaram da passeata? Como ela foi organizada? Pensar a cidade naquele momento, sua organização. Pensar os eventos que antecederam a passeata. Do ponto de vista dos “agentes da repressão” como foi vista a passeata? Levantamos relatórios elaborados por agentes do DOPS no arquivo público do Estado do Rio de Janeiro. A passeata é relatada em alguns trabalhos como no livro do Zuenir Ventura, 1968: O ano que não terminou; no livro 1968: o diálogo é a violência, em alguns livros de “memórias”, no livro Tropical sol da liberdade de Ana Maria Machado, nos jornais e na literatura infanto-juvenil.

Vamos descrever o lugar que aconteceu essa marcha, assim como o seu trajeto, os atores, a sua forma de organização, as palavras de ordem, os cantos, elementos que constituíram a passeata. A natureza da passeata: permitida ou proibida.

A Noção de Evento

Como falar de um evento? Vamos iniciar falando do espaço e do tempo. Relacionando o tempo a esse espaço. O tempo é 1968. O que se passava na cidade do Rio de Janeiro em 1968? Ferreira Gullar em “A Vida Bate” retrata uma parte da alma da cidade nesse momento. Selecionamos um evento nesse período – a passeata dos cem mil – e vamos a partir desse evento descrever alguns outros que antecederam a mesma e outros que aconteceram depois da passeata. Portanto, a passeata será o nosso mote para falar de acontecimentos que permearam esse ano.

Esse acontecimento está inserido no ano de 68 que é importante a nível mundial². No Brasil, há um calendário de acontecimentos nesse ano³, através das entrevistas pudemos observar as representações coletivas sobre esse ano. Segundo o depoimento de uma

¹ Esse trabalho é a 1ª versão de uma pesquisa realizada no período de março de 1999 a fevereiro de 2000 sob a coordenação acadêmica de Elizabeth Jelin através do Social Science Research Council.

² É importante pensar o panorama internacional. Os acontecimentos nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, na América Latina. A Morte de Che Guevara, a Guerra do Vietnã, o assassinato de Martin Luther King, etc.

³ Pode-se ver uma narrativa cronológica desses acontecimentos no livro Mulheres, Militância e Memória de Elizabeth Xavier Ferreira.

informante, o ano de 1968 “marca uma idéia de efervescência muito grande em todos os sentidos. Uma idéia de que a gente estava inventando (na música, no cinema) , nos costumes... Uma idéia muito forte de invenção... Um sentimento de que, a todo momento, aparecia alguém novo querendo romper com algo” (Márcia)⁴.

Vamos observar no decorrer do trabalho que há um conjunto de representações que são expressas coletivamente. Um conjunto de sentimentos que são experimentados coletivamente: Alegria, tristeza, medo, perda, vitória e susto. A representação de Liberdade também estava muito presente no período. Como essas representações coletivas estavam presentes nesse processo social da passeata é algo que vamos analisar posteriormente. Era um momento de **transformação**, ao mesmo tempo que um momento de muita **esperança**.

A mesma informante continua: “Então você tinha uma perspectiva assim de Liberdade que tinha que ser defendida e as pessoas estavam investindo nisso. Então é um momento realmente, do ponto de vista das possibilidades de engajamento político e de ação política e, por outro lado, de aprofundamento e estudos nesta área da esquerda, muito, muito intenso”... “Com 68, a coisa foi piorando muito e a gente vivia numa situação realmente de muito susto”... “Foi o ano das cassações dos nossos professores, professores de filosofia”⁵(Márcia).

Fernand Braudel ao falar do acontecimento sustenta que “agradar-me-ia, encerrá-lo, aprisioná-lo, na curta duração: o acontecimento é explosivo, ruidoso. Faz tanto fumo que enche a consciência dos contemporâneos; mas dura um momento apenas, apenas se vê a sua chama” (Braudel, 10). Um acontecimento pode, em rigor, carregar-se de uma série de significações e de relações. Anexa-se um tempo muito superior a sua própria duração. Une-se a toda uma cadeia de acontecimentos. Que se opõe ao tempo breve, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana. Daí que penso a passeata a partir dessa definição, enquanto forma de ação coletiva. A análise de uma passeata assim pensada como uma forma de ação coletiva, centra a atenção, não apenas para as reivindicações e resultados explícitos, mas também principalmente para os aspectos “formais” das manifestações e para a maneira pela qual a forma é interpretada pelos agentes. A atenção não deve limitar-se ao evento em si, *mas também a toda sua elaboração prévia e a todas as apropriações e reapropriações a que está sujeito depois de sua realização* (Comerford, 1999: 145).

A década de 60 foi um momento de forte significação para a cidade, pois foi nessa década que depois de quase 200 anos, o Rio de Janeiro perdia a posição de capital federal para Brasília, lembrando os diversos significados que isso possa representar.

Os Acontecimentos e os seus Lugares:

Em seu livro *Memória e Sociedade* Ecléa Bosi ao trabalhar a relação tempo e memória diz que: Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história (Bosi, 1994: 418).

Em cada evento relatado observamos a cidade como cenário de lutas e manifestações. E que esses espaços onde ocorreram formas concretas de conflitos sociais e de protestos têm sua dimensão simbólica. Na mobilização designada como Passeata dos Cem Mil uma diversidade de grupos ocuparam as ruas da cidade do Rio de Janeiro nos espaços da Cinelândia à Candelária. Esses lugares carregam a aura desses eventos e são marcados através da memória da cidade por manifestações e protestos. Basta lembrar alguns eventos

⁴ Estamos utilizando nomes fictícios.

⁵ Foi o momento de constituição do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). Importante referência na área das Ciências Sociais no Brasil.

ocorridos entre à Candelária – Av. Presidente Vargas e a Cinelândia – Av. Rio Branco: o comício das diretas-já. As situações sociais vividas estão contidas naqueles espaços.

“O comício de ontem na Candelária pelas eleições diretas foi, mesmo pelas estimativas mais conservadoras, a maior manifestação política da história do Rio de Janeiro. Espalhando-se pelas *Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas*, uma multidão em ordem e em clima de festa, como em dia de carnaval, ouviu durante cinco horas e meia discursos dos principais líderes de oposição, cantou em coro com artistas de música, gritou palavras de ordem, agitou bandeiras, faixas e cartazes e também sambou fantasiada com distintivos das eleições diretas” (O Globo, 11/04/84). Foram conflitantes os números referentes ao comparecimento ao comício na Candelária: dos antropométricos calculou em 368 mil, o SNI, informalmente, em 400 mil, o Ministério da Justiça em 500 mil, a Polícia Civil entre 750 e 800 mil, a Polícia Militar em mais de um milhão e a Coordenação do Comitê Pró-Diretas em 1,2 milhão (O Globo, 11/04/84). PM apenas acompanharam a passeata. Ao se referir ao comício um senador ironizou o comício das diretas no Rio, “afirmando que o Rio não é Atenas, nem a Candelária o palco de uma democracia grega, para decidir a forma de eleição do Presidente da República” (Jornal do Brasil, 11/04/84). E ainda afirmou que “votaremos contra a emenda porque as decisões são tomadas aqui, e não na Candelária” (Jornal do Brasil, 11/04/84).

Um outro evento que ocorreu nesses lugares foi a *Caminhada pela Paz*. A caminhada se deu da Candelária a Cinelândia. Em artigo “Da metáfora da guerra à mobilização pela paz: temas e imagens do Reage Rio” Márcia Pereira Leite examina os temas e imagens que se encontram vinculados a constituição de um cenário de violência, insegurança e privação no Rio de Janeiro, que vem sendo referido através da metáfora da guerra. A autora destaca a articulação de um movimento contra a violência, denominado Reage Rio, que culminou em uma passeata – *a Caminhada pela paz – em 28 de novembro de 1995*. Ao falar do evento a principal página do jornal O DIA sob a manchete “Nunca Mais”, uma composição de várias fotos traduzindo as várias faces da violência que vinha perpassando os dois lados da “cidade partida”: “os corpos dos trabalhadores chacinados em Vigário Geral; um adolescente exibindo um caco de vidro como arma; uma menina empunhando um revólver; outro menino rezando no túmulo de seu amigo executado por policiais na Candelária; uma mulher dormindo no corredor de seu apartamento para escapar das balas perdidas do tiroteio da favela; um arrastão na praia; o corpo da atriz Daniela Perez assassinada; um jovem exibindo sua condição de soldado do tráfico de drogas; a gargalhada do bicheiro/contraventor Castor de Andrade desfilando na avenida; um carro forte metralhado dentro do campus da UERJ e, por fim, policiais resgatando um cadáver. A amplitude e variedade desse painel de vítimas da violência reforçava a idéia da necessidade de “unir as metades da cidade partida”, ou seja, O DIA compartilhava claramente o sentido de paz com o Viva Rio (Leite:138).

O que é importante observar é que essas manifestações passam a ocorrer no espaço por onde a passeata passou.

No Brasil, comemorar no senso comum está associado a celebrar, festejar, porém significa também trazer à memória, fazer recordar, lembrar. Em oposição a esquecer. Quando se falava em comemoração associava automaticamente a festividades, mas no processo de elaboração do trabalho percebi que a idéia é de trazer a memória. Então falar de lugares de comemoração significa falar de lugares que fazem recordar.

Segundo Irene Cardoso “O esquecimento, também como processo ativo, é constitutivo da comemoração e do seu poder de integração social de sentidos e de reconstrução da identidade do evento. Para que haja a possibilidade da comemoração, não apenas a complexidade histórica da atualidade do evento, suas contradições, suas ambiguidades precisam ser silenciadas, como também fica obscurecida a posição a partir da qual a comemoração reconstrói o evento” (Cardoso, 1998:2).

Maurice Halbwachs lembra como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. (Halbwachs, 1990:133). Influência que exercem os diversos lugares de uma cidade sobre os grupos e vice-versa.

A Praça Floriano Peixoto, popularmente conhecida como Cinelândia, parece possuir uma irresistível força de atração para acolher grandes eventos históricos e pequenos dramas cotidianos. Ali ocorreram as principais manifestações de massa na cidade. Foi nas suas imediações que os revolucionários de 30 apearam seus cavalos. Para lá se dirigiu a passeata dos cem mil, no protesto contra o regime militar, em 1968. Ali perto, também, foi assassinado o estudante Edson Luis, no restaurante Calabouço, quando começava o período mais duro do regime fundado em 64” (Sento-Sé, 1997: 331). Lá, na Cinelândia houve a Brizolândia ou o Movimento Popular da Brizolândia nos anos oitenta e noventa. A Brizolândia surgiu em 2 de abril de 1982. “ Ir a praça equivale, fundamentalmente, a romper com as práticas viciadas e burocratizadas das instâncias organizacionais e decisórias do partido. É dispor-se a enfrentar a aleatoriedade e a diversidade do espaço da rua, aceitando todas as suas implicações. Representa uma percepção francamente espontaneísta e ativista da atuação política. Atuar politicamente significa ir ao povo, contar-lhe a verdade, conscientizá-lo” (Sento-Sé, 1997: 336). O autor continua “Curiosamente, penso que os brizolistas da Brizolândia operam ali, na praça, sua própria estetização da política. Falam incansavelmente, discutem, e entendem estar, assim, fazendo política” (Sento-Sé, 1997, 350). E mais “Desde que foi derrubada pela última vez, há algumas semanas das eleições de 1994, a barraquinha não foi erguida de novo” (Sento-Sé, 1997: 382).

A praça Floriano, foi apropriada, em 1919, pelos carnavalescos que ali realizaram cursos e batalhas de flores⁶. “Aliás, a tradição do Largo da Mãe do Bispo como palco de comemorações festivas já datava do tempo do vice-reinado do Conde Cunha, quando as boas sociedades de cantatas se reuniam no pátio do Convento da Ajuda, onde, entre danças e cantigas, as freiras distribuía quitutes aos participantes das Folias de Reis” (Lima, 1997: 240). Segundo a autora, na Primeira República, o centro da vida pública era mais especificamente a praça Floriano. A praça Floriano foi um dos palcos na passeata dos cem mil, o lugar de sua concentração. Atualmente, na praça, há o busto de Francisco Serrador, espanhol que idealizou alguns projetos na Cinelândia, tais como os cinemas Capitólio, Glória, Império e Odeon, cercados por sorveterias e casas de chá. Estão ali também o busto de Getúlio Vargas e um monumento a Floriano Peixoto inspirado em moldes franceses e composto por símbolos nacionais, conforme nos lembra Carvalho (1990: 48). “A base do monumento tem a forma de altar cívico, referência aos altares erguidos em Paris após a revolução de 1789. Nos nichos do altar, foram colocados quatro grupos em bronze e uma estátua. Os grupos representam as três raças formadoras da população brasileira e a religião católica, mediante a referência a poemas famosos de nossa literatura. Lá estão O Caramuru (raça branca), A Cachoeira de Paulo Afonso (raça negra), Y-Juca Pirama (raça amarela) e Anchieta (catolicismo)” . A denominação Cinelândia sobressai ali, em relação àquela, a de praça Floriano.

Em artigo publicado no jornal Rio Artes, em 1992, com o título “Um memorialista para a Cinelândia”, Irineu Guimarães refere-se à praça nos seguintes termos: “trata-se de cenário privilegiado da paisagem nacional, onde se gravaram ocorrências da vida político-cultural do país nos últimos 35 anos”. Neste artigo ele diz ainda que “Seguiu-se a estação das passeatas relâmpago, que iriam culminar com uma das maiores manifestações de massa da história do Rio de Janeiro, por ocasião da morte do estudante Edson Souto, assassinado no

⁶ Informação contida na tese “Arquitetura do Espetáculo – teatros e cinemas na formação do espaço público das Praças Tiradentes e Cinelândia, Rio de Janeiro (1813 – 1950)” de Evelyn Furquim Werneck Lima apresentada no IFCS – UFRJ no Programa de Pós-Graduação em História Social em 1997.

Restaurante Calabouço. A Cinelândia assumiu então, durante um momento de triunfo e glória, o papel de “fórum político da nacionalidade”. E houve outros como o cortejo fúnebre de Getúlio Vargas que cobriu de gente a avenida Beira-Mar, tangenciando a Cinelândia, rumo ao aeroporto; o do cantor Francisco Alves, dois anos antes, foi considerado o maior de todos dedicado a um ídolo popular no Rio de Janeiro; foi sendo acompanhado por uma multidão a pé, da Cinelândia ao cemitério São João Batista (Máximo, 1997: 144).

A Cinelândia acolheu, em 1958, as comemorações da conquista do primeiro título mundial pelo futebol brasileiro (Máximo, 1997: 145). Nos anos 50, o carnaval ganha a Cinelândia e, na década seguinte, a praça abrigará instituições como as escolas de samba e o Bola Preta (Máximo, 1997: 166).

O que estou tentando mostrar é a íntima relação existente entre evento e lugar na memória da cidade. Ao pensarmos as passeatas que ocorreram em 1968 no centro do Rio de Janeiro, na avenida Rio Branco, na Cinelândia, em torno da Candelária, e ainda na praia do Flamengo, nos Largos de São Francisco e da Carioca, na praça Tiradentes e na praça XV quero ressaltar o quanto eles estão permeados de histórias e de memórias dessas manifestações. Constituem esses lugares efetivamente patrimônio cultural já que representam um conjunto de bens culturais que fazem parte do cotidiano de diversos segmentos da sociedade brasileira e por meio dos quais expressam suas memórias e identidades⁷.

Destaco aqui a importância simbólica da cidade do Rio de Janeiro. Na qualidade de capital do Brasil durante quase duzentos anos, de 1763 a 1960, foi apenas a partir da inauguração de Brasília e da transferência da capital para o planalto central, que ela perde esse status⁸. Comecei a pensar a cidade através de seus espaços simbólicos. Assim como a representação simbólica dos espaços no evento, a topografia do evento. Elevada à categoria de capital do Brasil em 1763, o Rio de Janeiro presenciou a proclamação da República, em 1889. Antiga colônia portuguesa, nos seiscentos, abrigou a família real em 1808, tendo desempenhado até 1960 o papel de centro político e econômico. Portanto, é preciso pensar o ano de 1968 na cidade do Rio de Janeiro no centro das mudanças políticas, administrativas e sociais que estavam ocorrendo no Brasil com todas as implicações decorrentes da construção de Brasília, do deslocamento das decisões para o planalto central. Não há como se falar dos eventos que estavam ocorrendo na cidade sem pensar nessas mudanças. Na Cinelândia, em 1968 podíamos ver a Assembléia Legislativa onde hoje é a Câmara dos Vereadores, o Teatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Palácio Monroe, que hoje já não existe mais, o cinema Odeon, o bar amarelinho...

Em depoimento uma informante ao falar dos lugares das manifestações diz “ A avenida Rio Branco certamente, desde sempre; Vínhamos muito aqui para o Largo da Carioca e íamos muito para o lado da Praça 15. Na verdade, você era avisado. Recebia todas as informações. Tinha os lugares de concentração. Então nós vínhamos naquele momento, já

⁷ Sobre a temática do patrimônio cultural ver o livro *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil* de José Reginaldo Santos Gonçalves.

⁸ Para uma melhor compreensão da construção da representatividade simbólica da cidade do Rio de Janeiro enquanto “síntese nacional” ver *Rio de Janeiro Cidade Alma: O relato de uma construção simbólica* de Adriano Rosa da Silva. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ – 1995.

sabendo que iríamos para um determinado lugar. E nos movimentávamos na Avenida Rio Branco até a Cinelândia, mas tinha um ritmo próprio.

Memória dos Espaços: A Candelária

A Candelária é um lugar simbólico, onde há várias representações sobre esse espaço. Ao se pensar na Candelária ao mesmo tempo que se pensa nas grandes manifestações, também lembra-se no massacre onde crianças foram assassinadas. Além de ter sido, o lugar, quando da missa de sétimo dia da morte de Edson Luis vários grupos foram espancados na porta da Igreja.

A Cinelândia, a Candelária, a Avenida Rio Branco, o Palácio Tiradentes..., são “lugares de memória”⁹, esses lugares são representados, significados e re-significados. São lugares do trajeto da passeata.

Memória X Tempo

Em artigo sobre o período de 1964-1969, Schwarz faz um exame do ponto de vista da produção cultural localizada no momento cultural do período de 1964-68, no Brasil. É interessante a sua análise sobre os processos sociais naquele período porque esse autor aborda os diferentes tipos de produções culturais nas áreas do cinema, do teatro e da literatura (Schwarz, 1978).

A produção cultural:

Vamos tentar resgatar algumas idéias que permearam esse período. Em cultura e participação nos anos 60, Hollanda e Gonçalves ao lembrar o musical opinião em dezembro de 1964. Eles apontam para alguns pontos-chave onde o show parecia interpretar o sentimento de toda uma geração de intelectuais, artistas e estudantes. Falar, cantar, manifestar como forma de se expressar contra o autoritarismo. Nos shows, no teatro, no cinema o desejo de manifestar através da produção cultural uma expressão coletiva de sentimentos. Os autores citam um depoimento do Carlos Diégues em 1965 ao comentar a escolha de Vidas Secas como melhor longa-metragem na V Rasegna del Cinema Latinoamericano: “O cinema brasileiro deixou de ser uma crônica da sociedade brasileira, deixou de ser um estereótipo, um pastiche, e passou a adotar uma visão antropológica do homem brasileiro, da própria cultura brasileira” (Hollanda e Gonçalves, 1987: 43). Lembram ainda que, os Festivais de Música Popular, promovidos por estações de TV, tornavam-se aos poucos um novo espaço de aglutinação e manifestação coletiva. As canções, colocadas em competição, atraíam um grande público que se manifestava sob a forma de verdadeiras “torcidas”, procurando interferir com vaias e aplausos na escolha das composições vencedoras... Onde se tornar adepto desta ou daquela música assumia muitas vezes ares de opinião política (Hollanda e Gonçalves, 1987: 57). Configurava-se portanto, segundo os autores, toda uma área de afinidades no campo da produção cultural, envolvendo uma geração sensibilizada pelo desejo de fazer da arte não mais o instrumento repetitivo e previsível de uma veiculação política direta, mas um espaço aberto à invenção, à provocação, à procura de novas possibilidades expressivas, culturais, existenciais.

⁹ A Candelária seria um “lugar de Memória” desses eventos, assim como a Cinelândia, a Av. Rio Branco, o Palácio Tiradentes. Nora, Pierre. Les Lieux de Mémoire – La République. Paris: Gallimard, Col. Bibliothèques des Histoires, 1987.

É importante lembrar que a UNE foi declarada ilegal em 1965, porém continuou suas atividades, como podemos ver através do texto Praia de Flamengo 132: La Casa de Las Memorias de Victoria Langland “en 1968, el momento de más movilización y actividad pública de la UNE”. Em 10 de abril de 1964 o **prédio da UNE** foi invadido e incendiado.

A mesma autora referindo-se a um depoimento de Ferdy Varneiro a revista Pasquim intitulado “A última noite da UNE” diz:

“entre o crepúsculo e as primeiras horas daquela noite, hordas de terroristas invadiram e incendiaram a sede da UNE. As chamas devoraram o prédio e a vida que florescera naquela casa: O Centro Popular de Cultura, o Cinema Novo, o Teatro Popular, a sementeira de idéias das artes plásticas e gráficas, as experiências vanguardistas do conto e da poesia. Ali, morria um pouco da inteligência brasileira, imolada naquelas chamas e as cinzas da UNE marcaram a data da longa noite de trevas em que o Brasil mergulhou, a partir de 1º de abril de 1964”. A autora discute as representações de grupos sobre quem praticou o incêndio – não eram soldados, nem a polícia, mas cidadãos.

As várias versões de organização da passeata. Segundo Langland no trabalho anteriormente citado “en 1968 la UNE encabezó el mayor movimiento de oposición de cualquier tipo que el gobierno militar había enfrentado”, referindo-se a passeata dos cem mil.

A partir das entrevistas observei que o processo de organização do que passou a se chamar de passeata dos cem mil extrapolava o movimento estudantil.

Memórias sobre 68, memórias de acontecimentos em “1968”

“Lembrar 1968 é viver um sentimento paradoxal, **um misto de alegria e dor**” – João Batista Ferreira (Hollanda e Gonçalves, 1987: 83).

A partir da pesquisa pude perceber que a escolha de um evento no ano de “1968” tinha uma pluralidade de significados.

Ao falar sobre o ano de 1968, Alzira Abreu diz: “O ano de 1968, que já foi tema de inúmeros estudos, ensaios, reportagens jornalísticas, romances, etc., no Brasil e principalmente na França, Alemanha e Estados Unidos. Em todos esses países o ano de 1968 ficou marcado como aquele em que os estudantes desencadearam movimentos de protesto que pareciam suplantar todos os outros movimentos políticos. Os protestos atingiram a política, a cultura, a ética, os costumes, o sexo, o gosto e a estética, e seu alvo principal parecia estar na autoridade, contestada em todos os seus aspectos pelos jovens” (Abreu, 1992: 96 e 97).

Em As voltas do meu coração Fanny Abramovich narra o reencontro de duas amigas após mais de 20 anos e ao falar de 68 uma das personagens diz: “Que ano! Que época certa e fantástica pra ser jovem. No mundo todo!

-Foi muita acontecência. Girávamos sem parar. Querendo fazer tudo e estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Uma loucura linda! Tudo era fundamental!!! Tudo era imperdível! Tudo era urgente!!! Íamos mudar o mundo. Nem mais, nem menos...” (Abramovich, 1989: 31).

A passeata não é apenas a expressão pública de protestos. É muito mais do que isso. Ela traz as dimensões moral, estética, jurídica e não apenas a política. Acontece de tudo em meio a uma passeata.

Pedras e Festas

“Eram pedras, ...mas era festa também. A gente achava que estávamos contribuindo fortemente para libertar o país de tudo aquilo, mas era festa também. Aquele sentimento bom de estar junto, com pessoas que pensavam igual à gente. Muito compartilhamento também. Acho que foi uma coisa muito boa. Boa parte das nossas reuniões da época eram reuniões para organizar estas coisas” (Márcia). E ela continua: “Mas um sentimento muito forte de uma perspectiva de vitória. Muito presente no grupo. Custou para a gente se dar conta de que aquilo não era ... depois quando realmente passa – tem um racha mesmo para a luta armada e para a não luta armada. Evidentemente, quem não foi para a luta armada, como foi o meu caso, tinha também um sentimento progressivo de estar perdendo. Tinha mesmo que enfrentar de outra maneira” (Márcia).

A Passeata como um ritual

Os rituais são momentos especiais para se observar uma série de situações sociais que existem no cotidiano. Relações de poder, de disputas, de crenças.

O Antes

Vamos descrever nesse “antes” os principais eventos ocorridos a partir da perspectiva dos entrevistados. Vamos pensar através de sequências, ou seja, vamos fazer uma cronologia desses eventos, mas também estamos preocupados em como elementos desses eventos podem se repetir ao longo dos anos, como a sociedade re-significa os eventos. Leach em seu ensaio sobre o tempo diz que “é claro que em nosso caso, equipados como estamos com relógios, rádios e observatórios astronômicos, o tempo é um fator dado em nossa situação social; é uma parte essencial de nossas vidas”. Existe a noção de repetição e existe a noção de não-repetição. Pois, todas as coisas nascem, crescem e morrem. Em toda parte do mundo os homens marcam seus calendários através de festivais.

“Você pode pensar o tempo como indo e vindo, ou pode pensá-lo como rodando e rodando. Tudo o que estou dizendo é que, de fato, um grande número de povos considera o tempo como indo para trás e para a frente” (Leach, 1974: 206).

A Morte como rito de passagem

Há um acontecimento no ano de 68 que gerou “ondas” – foi a morte do Estudante Edson Luis.

Em 28 de março de 1968 morreu, no restaurante estudantil Calabouço¹⁰, um estudante de 18 anos – Edson Luis. Um estudante, secundarista, que veio do interior. Com uma trajetória conhecida por muitos brasileiros, a saída do interior para a cidade grande para estudar, a sua morte gerou uma indignação por parte da sociedade. Seu corpo foi velado na Assembléia Legislativa do Estado, hoje Câmara dos Vereadores, na Cinelândia.

¹⁰ O nome Calabouço é atribuído por ter sido uma antiga prisão. Ele é representado como um ponto de encontro dos grupos contra a repressão militar e pela luta pelos direitos sociais e políticos. Tornando-se um espaço social de grande significação. Um interessante trabalho a se fazer é pensar o prédio do Calabouço como “lugar de memória”, os significados sociais desse espaço.

Em “Un Grano de Mostaza: El despertar de la revolución brasileña” Márcio Moreira Alves diz “ Un joven de dieciocho años de edad pereció. Su cuerpo semidesnudo fue cargado por sus colegas, conducido por las calles centrales de Río y colocado en el salón principal de la Asamblea estatal. El entierro, seguido por decenas de miles de personas, dio lugar a inflamados discursos y fue el punto de partida para varios meses de lucha de calle en todo el Brasil” (Alves, 1973: 193).

O prédio do restaurante Calabouço ficava ao lado da **antiga faculdade de filosofia**, no centro, na Pres. Antonio Carlos. Segundo informante “Depois o prédio foi derrubado em 1967 por causa da reunião do FMI no Museu de Arte Moderna. Ele foi para outro lugar, parece para a Marechal Câmara. Depois da morte do Edson Luis foi fechado o restaurante”.

É importante pensar a morte como representação coletiva. E observar a experiência que dela fazem os vivos. Segundo Hertz (1990, p.90 e 94-95) ao estudar a morte como representação coletiva afirma: “Quando um homem morre a sociedade não perde apenas a sua unidade, sem que se atinja o seu próprio princípio de vida, mas sua própria fé (...).

Toda a mudança de estado de espírito do indivíduo que passa de um grupo a outro implica numa modificação profunda da atitude mental da sociedade em torno da qual se produz gradualmente e exige tempo. O ato brutal da morte física não basta para consumir a morte em todas as consciências, a imagem de alguém constitui parte de um sistema de coisas neste mundo, e só se separa deste através de uma série de ritos” (Bahia, 2000: 242).

O Velório

Os estudantes carregaram o corpo do Edson Luis do Calabouço até a Assembléia Legislativa, onde foi realizado o velório.

“Durante a noite e a madrugada, estudante, intelectuais e artistas lotaram o saguão onde se realizava o velório. Discursos indignados exigiam justiça e os oradores exibiam a camisa ensanguentada do morto” (Ventura, 1988:98).

Enquanto o corpo estava sendo velado na Assembléia, podia-se ver estudantes dormindo nos bancos da Praça Floriano. Deitados no chão da Cinelândia.

“Discursou-se a noite toda. Foi um dos mais longos comícios a que um velório já assistiu” (Ventura, 1988:101).

No velório desse estudante houve todo um processo de articulação em relação ao que se faria posteriormente. Ao mesmo tempo que houve uma disputa sobre o corpo. Se entregariam o corpo ao IML para se fazer a autópsia ou se não entregariam. Eram duas visões distintas. Havia um medo de se entregar o corpo, pois poderia desaparecer. Eles poderiam sumir com o corpo. E se ficou com a Segunda opção, o que significou a possibilidade de ritualizar o corpo do morto.

O Enterro

O enterro foi um marco. Foi um repúdio a ditadura, a ditadura foi realmente obrigada a recuar naquele momento. Tinha sido uma brutalidade tamanha... Atiraram em estudante que era o mais pobre, o mais pé rapado. Só comia lá quem ou tava fazendo por obrigação política ou porque não tinha dinheiro mesmo” (José).

Em depoimento um dos entrevistados falou sobre a sua participação na organização desse evento que “Esse enterro eu também tive uma participação da mesma natureza que eu tive na passeata dos cem mil. Eu sou considerado pelos meus amigos um cara que pensa sem emoção, ou que põe a emoção de lado para pensar as coisas... Nós fomos, foi levado o cadáver do Edson Luis, para a Câmara dos Vereadores¹¹. Aí lá, dois deputados que eram nossos conseguiram botar o corpo para ser velado dentro da Câmara dos Vereadores. Em face disso, nós nos reunimos, fomos para lá. Um grupo de pessoas, eu... Tava lá o corpo, aquele clima emocional. Lá em cima, no salão de cima, fez-se uma reunião. Dela participaram, o presidente do CACO¹², os estudantes, os intelectuais. Então isso era 28 de março. Logo em seguida era 1º de abril. Dia da ditadura. Do golpe. Então um estudante fez a seguinte proposta: Vamos programar para o dia 1º um protesto contra a ditadura no centro da cidade. Eu disse: Pra apanhar da polícia?... Que sentido tem isso? Gente, nós temos um cadáver. Morreu esse cara, morreu um jovem. Eles assassinaram um jovem. Esse é que é o nosso trunfo aqui. Duas coisas não se pode proibir em nenhuma ditadura. Sabe o que é que é? O enterro e Missa de Sétimo Dia. Vamos fazer o enterro e a missa de 7º dia. Eles podem proibir o enterro? Não, né. Então vamos chamar 10.000, 20.000 quantas pessoas puder pro enterro” (Fábio).

Através das fotos do enterro¹³ pudemos ver cartazes: “Assassinado estudante pela polícia da ditadura”; “Bala mata fome”; “Luto Luta”; “Brasil: seus filhos morrem por você”. Podíamos ver cartaz colado ao monumento de Carlos Gomes em frente ao Teatro Municipal que dizia: “Abaixo a ditadura covarde”. No Caixão, a bandeira do Brasil. Pichação na Assembléia Legislativa “Esta casa é do Povo”. No enterro, uma faixa “artistas contra a ditadura”.

“Foi chegando cada vez mais gente ao longo das horas, em número surpreendente para nós; chegaram os colégios com as freiras, os padres e centenas de crianças; chegaram os estudantes, os professores e os curiosos. Aquele dia trágico ficou marcado por uma frase histórica que todos gritavam: “Mataram um estudante, podia ser seu filho” (Dirceu e Palmeira, 1998: 85).

“Um jornalista escreveu: “Edson Luis teve a homenagem que o povo brasileiro costuma consagrar aos seus heróis populares: o Hino Nacional. Sua mortalha foi a Bandeira Brasileira” (Ventura, 1988: 103).

Como Edson Luis se transforma num mito, um símbolo condensado da luta estudantil. Poderíamos pensar que Edson Luis deixa de ser o estudante e passa a ser os estudantes.

“Quando nós passamos em frente do Monroe, estava lá os caras olhando da janela, do Estado Maior e não podiam fazer nada. E nós lá, Filhos da Puta, Filhos da Puta, assassinos. Iam fazer o que? Nós estávamos num enterro. Vai entrar com tiro no enterro?” (Fábio).

“Aí chegamos na beira do túmulo. E aí, a quantidade de gente que participou, intelectuais. Aí o Vladimir fez comício no cemitério. Foi então uma coisa de grande repercussão.”(Fábio).

A escritora Ana Machado em seu livro *Tropical Sol da Liberdade* relata: “ Das janelas, pessoas atiravam papel picado, aplaudiam. Dos prédios, nas ruas do caminho, cada vez saía mais gente para engrossar o cortejo, que seguia, devagar. Ao longo da praia do Flamengo, pelas pistas laterais, os ônibus paravam e os passageiros saltavam para virem participar do

¹¹ Na época, era a Assembléia Legislativa.

¹² Centro Acadêmico Cândido de Oliveira

¹³ Estas fotos estão organizadas no acervo do Jornal do Brasil.

protesto. A cidade inteira se comovia e reclamava pela vida de um menino. O céu escurecia, estava anoitecendo, logo as luzes iam se acender” (Machado, 1988:70).

A morte de Edson Luis é relatada através de livros¹⁴ – depoimentos e entrevistas. “A morte do estudante Edson Luis, no Rio de Janeiro, em 28 de março, acordou uma revolta nacional em que não apenas os estudantes mas grandes parcelas da população protestaram¹⁵ (1998: 85). *Segundo a autora o seu enterro é a maior mobilização popular após o golpe de 64, pois concentra mais de 50 mil pessoas.*

“O enterro de Edson Luis foi muito bonito porque a gente saiu e foi até o cemitério, pela praia, pelo litoral, quando chegamos em frente ao prédio da UNE nós paramos, cantamos... A gente cantava palavras de ordem e a gente cantava muito o Hino da Independência. “Lutar pela pátria livre ou morrer pelo Brasil. Este hino é um hino marcante” (Márcia).

Lembrando os festivais de música que ocorreram na época, uma informante lembrou de uma cantiga de protesto que foi muito cantada “Pra não dizer que não falei das flores” do Geraldo Vandré que cantava-se “Caminhando e Cantando e seguindo a Canção somos todos iguais braços dados ou não... e o refrão era “Vem vamos embora que esperar não é saber quem sabe faz a hora não espera acontecer”. E disse ainda que “quando chegamos em frente a UNE, gritamos palavras de ordem “O povo unido jamais será vencido”, mas aí apareciam palavras de ordem de várias facções. Aí já havia uma certa divisão neste sentido”. (Márcia)

No cemitério, houve a convocação oral para a missa de sétimo dia. É interessante pensar a diferença pensando em termos atuais de como eram feitas as convocações para as mobilizações. A oralidade tinha uma força muito grande o que representava uma dinâmica nas relações sociais, uma intensidade nos vínculos sociais e uma forma de driblar as formas convencionais de comunicação que pudessem ser censuradas pelo regime.

A Missa de Sétimo Dia:

A missa de sétimo dia foi realizada no dia 4 de abril, na Candelária, igreja localizada no centro da cidade um lugar de grandes manifestações. Segundo um dos informantes a missa foi celebrada na Candelária por duas razões: “é a maior igreja que tem no centro da cidade e está na área das manifestações, na área de maior densidade de população” (Leonardo). Após a missa havia sido articulado uma passeata. A missa ocorreu, a passeata, entretanto, foi dissolvida, antes mesmo de iniciada, por uma forte repressão. O exército estava presente nesse dia. É importante relatar que de uma forma geral a repressão era feita pela PM, mas havia ocasiões em que o exército era chamado. Nesse dia o exército estava nas ruas e a PM com seus cavalos partiu para cima das pessoas na Candelária. Padres, fotógrafos, artistas, médicos, estudantes foram reprimidos nesse dia. E a passeata não aconteceu.

“A praça estava tomada. Na frente, três fileiras de cavalarianos da Polícia Militar, montando animais indóceis e com as espadas desembainhadas, não deixavam dúvida quanto à disposição guerreira dessa tropa de choque. Mais atrás, guardando a fronteira do território que ia até o

¹⁴ Sobre a morte de Edson Luis e a questão da violência ver 1968: O Diálogo é a Violência Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil de Maria Ribeiro do Valle. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1999. Nesse livro a autora em um dos capítulos aborda a Sexta-feira Sangrenta e a Passeata dos Cem Mil.

¹⁵ A referência está contida em “68: Os estudantes mineiros e o desejo de um mundo novo” de Margarida Luiza de Matos Vieira In 1968 faz 30 anos org. por João Roberto Martins Filho. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp; São Carlos, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.

vizinho Ministério da Marinha, o temível Corpo de Fuzileiros Navais. Os agentes do DOPS completavam o cerco (Ventura, 1988: 117).

“Para se imaginar o que aquelas centenas de pessoas sofreram pela manhã, é indispensável olhar de frente para a igreja da Candelária. É uma fachada com sete portas, das quais a principal, bem maior, fica no meio. Elas dão para uma estreita calçada, que se estende ao longo da fachada e à qual se chega subindo três suaves degraus, tão suaves que até um cavalo sobe – como aliás subiram, nesse dia, os cavalos da PM” (Ventura, 1988: 122).

É importante lembrar, que apesar de proibidos de se manifestarem na rua, no dia 1º de abril houve manifestação no centro do Rio onde os manifestantes travaram luta com as forças policiais, sobretudo nas imediações do prédio do antigo MEC, onde resultou muitos civis e soldados feridos, um estudante morto e quatro baleados.

“A passeata de 1º de Abril, no Rio, foi mais uma em que a polícia abusou da violência e nós precisamos utilizar a tática de dissolver e reagrupar. Quando começou a pancadaria na Rua Branco, resolvemos nos dispersar e seguir pela Uruguaiana para continuar avançando em direção à Central do Brasil. A Central se tornara uma tradição para nós, uma espécie de marca registrada, porque em volta da estação se reunia o pessoal mais pobre, a massa de operários indo ou voltando dos subúrbios, e por isso costumávamos terminar lá nossas passeatas. E depois havia o Ministério da Guerra, ali ao lado: o pessoal gostava de provocar, e na verdade íamos até a Central também para aporrinhar os militares, porque sabíamos que nesses dias eles sempre ficavam tensos, temendo que houvesse uma invasão” (Dirceu e Palmeira, 1998: 93).

A Quarta-feira “Sangrenta”

No dia 19 de junho houve uma manifestação no centro da cidade.

“A passeata prosseguiu pela Avenida Rio Branco em direção a avenida Presidente Vargas, mas parou em frente ao Jornal do Brasil, onde Vladimir Palmeira faz seu terceiro comício Relâmpago. Eram 12 horas quando os estudantes notaram os policiais correndo em fila pela Rua da Assembléia em direção a rua da Quitanda, pretendendo cercá-los, mas a equipe de olheiros¹⁶ transmitiu esta informação a Vladimir Palmeira, através de um megafone, determinou que tomassem a Rua do Ouvidor em direção a Rua Uruguaiana (JB 20/06/68).

Os olheiros, que dão constantes informações sobre a movimentação dos policiais. Essas informações são levadas imediatamente ao comando da passeata e em função delas é que são traçados os itinerários (JB 20/06/68).

“As mesas do bar Amarelinho e Predileto foram usadas, transportadas para o meio da rua para servir de barricada. Estudantes acendiam tochas com jornais para impedir que o gás agisse sobre eles” (JB 20/06/68).

“3000 soldados da PM, além de agentes do DOPS, da Cavalaria, do Brucutu¹⁷ e de um helicóptero, participaram ontem da repressão ao movimento dos estudantes que inicialmente seria uma concentração no pátio do MEC e depois se transformou em uma passeata que paralisou todo o centro da cidade. Cerca de 20 pessoas foram atendidas no Hospital Sousa Aguiar, intoxicadas com gás lacrimogêneo e até as 21:00 horas foram detidas 86 pessoas, que foram encaminhadas à Secretaria de Segurança, por medida de precaução” (JB 20/06/68).

Nesse dia foi preso Jean Marc, liderança estudantil.

¹⁶ Um interessante trabalho a se fazer é a organização interna dessas equipes nas manifestações.

¹⁷ Transporte que estava nas manifestações e que jorrava água.

A reitoria e o Campo de Botafogo

Na Quinta-feira seguinte ocorreu uma assembléia no Teatro de Arena da Faculdade de Economia, na Praia Vermelha.

“10 horas no campus da UFRJ na praia vermelha os universitários com a participação dos secundaristas vão realizar uma assembléia-geral para apreciar os resultados das manifestações da passeata e estudar seus próximos movimentos” (J.B. 20/06/68).

O Assunto da Assembléia eram a Prisão de Jean Marc, Luta por verbas federais, aumento de vagas nas universidades.

A praia vermelha era um lugar importante. Lugar de Assembléias. Arquitetura, geologia, funcionavam no fundão. No largo de São Francisco funcionava engenharia e a Filosofia, na FNFI (Faculdade Nacional de Filosofia) que ficava na Marquês de Olinda. Direito, na Praça da República. Segundo um informante “o grosso ficava na praia vermelha – a praia vermelha era o grande centro. Tinha Medicina, odontologia, química, economia, farmácia, serviço social, psicologia. Assim como em Niterói na Faculdade de Direito, próximo ao palácio do ingá, que era o Palácio do Governador. Próximo funcionava a faculdade de pedagogia, filosofia, ciências sociais, história, geografia, matemática, letras¹⁸.

Pollak faz uma indagação onde diz “quais são os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (Pollak, 1972: 201). É interessante perceber que através das memórias das pessoas entrevistadas pude perceber tal fato sobre a passeata dos cem mil, algumas pessoas não se lembravam se haviam ou não participado dessa passeata.

Para uma das entrevistadas o que foi mais marcante para ela foi o episódio da Reitoria. Sua amiga conseguiu pular o muro e chegou ao Pinel¹⁹ e conseguiu fugir com mais três, através de uma ambulância do Pinel. Ela havia tentado pular o muro do Campo de Botafogo, mas não conseguiu. Disse que ficou desesperada e parou um carro na Avenida Pasteur. Disse que não foi a Passeata dos Cem Mil com medo de morrer.

“Mais do que pela agressão física, as fotos “hediondas” indignavam como símbolos do ultraje. A descrição de soldados urinando sobre corpos indefesos ou passeando o cassetete entre as pernas das moças, junto às imagens de jovens de mãos na cabeça, ajoelhados ou deitados de bruços com o rosto na grama, eram uma alegoria da profanação” (Ventura, 1988:138).

A experiência de relembrar fatos, acontecimentos, memórias de lembranças que expressam dor. O não querer falar, o silenciar. Para Pollak “o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento, pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio ambiente” (Pollak, 1989: 13)²⁰.

¹⁸ Desde a década de 50 já existia o projeto de cidade universitária, no Rio de Janeiro o lugar chama-se Fundão. Porém, com o regime militar se estimulou a política da cidade universitária fora do perímetro urbano. No Rio de Janeiro fica na saída da cidade, próximo ao aeroporto. Muitos cursos passaram a funcionar no Fundão.

¹⁹ Hospital Psiquiátrico Phillipe Pinel, situado ao lado da UFRJ

²⁰ Penso que essa é uma questão importante para ser refletida a nível de América Latina, onde há diferenças em termos de singularidades entre os países, processos sociais distintos. Há diferenças entre o silêncio e o esquecimento. O silêncio não significa esquecimento.

A Repressão no Campo de Botafogo

“O mesmo gramado de futebol onde pouco tempo antes as pernas tortas de Garrincha tinham alegrado a alma brasileira com seus dribles agora era o contrário de qualquer festa. As fotos mostravam centenas de jovens de cara para o chão, deitados pelo meio de soldados que não deixavam ninguém levantar, distribuindo botinadas na cabeça, golpes de coronha nas costas, mijando na cara dos estudantes deitados, ameaçando com metralhadoras. A brutalidade das cenas, a crueldade dos relatos, o exagero sádico e odioso daquilo tudo, a desproporção de forças, a crueldade, enfim, tudo foi uma porrada na cabeça da cidade” (Machado, 1988: 76).

Segundo o Jornal do Brasil, os policiais estavam disfarçados em mecânicos, com macacões sujos de graxa, de garis e até de entregadores de encomendas (JB 21/06/68). Eles prenderam cerca de 400 estudantes. O caminhão de presos eram apelidados pelos policiais de coração de mãe. As mães levavam saco de pães para os filhos que estavam presos. Os policiais diziam que eles não precisavam de comida, mas de castigo. Moças e rapazes foram obrigados no Campo de Botafogo a se deitarem de bruços e a ficarem em filas com as mãos na cabeça. Vários soldados agrediram rapazes e moças com golpes de cassetetes.

A “Sexta-feira sangrenta”

No dia seguinte ao “Massacre na reitoria” foi programado uma manifestação no centro da cidade, que foi conhecida posteriormente como “Sexta-feira sangrenta”.

“Na Sexta-feira, dia 21 de junho, os estudantes voltam a cair na “cilada” do diálogo proposto por Tarso Dutra, Ministro da Educação. Nova passeata de protesto e denúncia contra a violência do governo, no dia anterior, acaba tendo a mesma resposta: a repressão policial, mostrando que o Rio de Janeiro, em matéria de violência, ainda tem muito a assistir. A proporção tomada pela violência na Sexta-feira Sangrenta tem um dado novo: a adesão de setores populares se faz presente de forma inusitada” (Valle, 1999:102).

“Era uma sensação de ocupar a cidade. De tomar a cidade... A manifestação que durou mais foi a da Sexta-feira Sangrenta. Porque os office-boys entraram na briga também. E começaram a jogar pedra na polícia e as pessoas que trabalhavam nos edifícios jogavam coisas também lá de cima. Virava uma guerra campal. Foi a única vez onde houve uma presença mais maciça do resto da população que não fosse os estudantes” (José).

“Nesse dia, eram 11 horas, veio a polícia, houve enfrentamento. Tinha uma parcela grande do Calabouço. Calabouço era um restaurante estudantil, que só ia gente pobre e esses caras mantiveram a briga, não era o pessoal que formulava política” (José). A outra informante complementou dizendo “não, era o pessoal que ia com os porretes” (Laura). “Eu e L. nós voltamos para a faculdade, almoçamos na faculdade, que era ali no centro, ao lado, e quando nós saímos uma porradaria na rua, e era o pessoal do calabouço. Aí nós entramos de novo. Isso foi até 10 da noite. No final, tinha tanques, helicópteros...Vários mortos. Quem matou mais foi a PM. Eles já estavam começando a formar postos especiais, mais treinados. Porque no início era muito engraçado. Porque nenhum dos lados sabia brigar” (José).

“Porque a Sexta-feira sangrenta foi uma resposta ao episódio da Praia Vermelha. Que Saiu na televisão, muita cobertura no jornal” (Laura)

“Acho que a classe média estava bastante emocionada porque muitos filhos envolvidos e tava muito emocionada então tinha todo um clima para haver uma grande manifestação.

Tinham mães organizadas, professores também” (Laura). E além das mães, tinham os intelectuais, tinham os artistas. Que também estavam organizados. Tinham várias assembleias de artistas no **MAM**, nos teatros. Tinham os padres. Havia o pessoal da AP (Ação Popular), o pessoal do colégio Zacarias, os Dominicanos, que era uma ordem muito combativa, os Jesuítas. O Colégio São Vicente, tinha um padre que abriu o colégio para muitas reuniões, para fazer as assembleias” (Laura).

“Os Colégios do Rio entenderam a importância do movimento secundarista, apoiando seus alunos em suas justas reivindicações Santo Inácio, São Vicente tornaram-se centros de reunião permanente” – João Batista Ferreira – Padre do Colégio São Vicente de Paulo, representante do Clero na Comissão dos Cem Mil (Hollanda e Gonçalves, 1987: 83).

“Durante quase dez horas o povo lutou contra a polícia nas ruas, com paus e pedras, e do alto dos edifícios, jogando garrafas, cinzeiros, cadeiras, vasos de flores, e até uma máquina de escrever.

O balanço de alguns hospitais – nem todos divulgaram os totais – registrou: 23 pessoas baleadas, quatro mortas, inclusive o soldado da PM Néelson de Barros atingido por um tijolo jogado de um edifício, 35 soldados feridos a pau e pedra, seis intoxicados e 15 espancados pela polícia” (Ventura, 1988: 134).

No DOPS a noite amontoavam-se cerca de mil presos.

Ainda falando do acontecimento um entrevistado fala do seu desempenho na preparação da passeata e diz que “naquela época, tinha acontecido *recentemente passeatas de protestos contra a ditadura no centro da cidade* e na última dessas passeatas a polícia reprimiu a passeata e uma pessoa teria jogado uma máquina de escrever em cima do prédio lá na Av. Rio Branco que atingiu um soldado na cabeça e ele morreu. Então o comandante da polícia militar deu uma nota dizendo que a partir daquele momento ia ser olho por olho dente por dente” (Fábio).

Interessante também em depoimento um informante relata o que ocorreu ainda na Sexta-feira. Uma reunião que ele participa na casa de um advogado, ele havia saído de outra reunião, e quando chega, a reunião já tinha começado, e já tinha uma decisão era “que todo mundo devia ir na manhã seguinte, que era um Sábado para a frente da polícia, que era ali no centro – na rua da relação – na polícia central (DOPS). Então, eu ao chegar, vi aquela proposta e falei: ... A minha opinião é a seguinte: Depois dessa nota do chefe da polícia fazer uma manifestação Sábado de manhã, no centro da cidade, está tudo fechado, não tem comércio, a rua da relação é deserta, nós vamos simplesmente nos oferecer a ser espancados pela polícia” (Fábio). E propôs ir ao governador do Estado, já que era o responsável pela ordem no Estado do Rio. E depois iriam ao teatro. As duas propostas foram aprovadas. Participaram dessa reunião pessoas do cinema, teatro, do jornal. Um dado importante dessa entrevista é que na mobilização para o governador foram pessoas que, até então, não participavam de uma manifestação pública. Foi designado um orador para falar com o governador.

Palácio do Governador

No Sábado às 11:00 horas, representantes de várias categorias artísticas e da imprensa foram se concentrando defronte a sede do Fluminense Futebol Clube para marchar até o Palácio Guanabara²¹. “Quase 300 intelectuais abrangendo escritores, teatrólogos, cineastas

²¹ Sede do Governo do Estado

e jornalistas representados oficialmente pelo escritor Hélio Pelegrino, pediram ontem, durante uma entrevista com o governador Negrão de Lima, a livre manifestação de pensamento, reunião e protesto e a destituição do Secretário de Segurança Pública, “responsável pelas ocorrências” (JB, 23/06/68). Segundo o informante, o representante designado para falar com o governador diria “que as pessoas estão sendo espancadas, que a polícia tá matando as pessoas, tá arrebentando com as pessoas e que ele tem compromisso conosco. Não agride governador, não ameaça, não faz nada. Cobra isso. Essa mobilização era feita boca a boca. Cada pessoa chamava outras pessoas. Enchemos o salão de recepção do palácio. Aí assustou o governador” (Fábio).

Estavam presentes o arquiteto Oscar Niemeyer, a escritora Clarice Lispector, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Ferreira Gullar, etc.

Segundo o Jornal do Brasil, a crise da Sexta-feira transforma a crise estudantil em crise nacional.

Teatro Gláucio Gil

Após a reunião no Palácio do Governador, os manifestantes encaminharam-se para o Teatro Gláucio Gil, em Copacabana.

“Viemos de lá eram umas quatro horas, quando é as dez da noite isso tava tochado de gente porque aí foram pessoas chamando outras e tal, aí tinha o diabo, era uma quantidade, uma multidão, de tudo quanto é área. E, setores estudantis também. Então, nós procuramos encaminhar essa discussão e saber o que se devia fazer agora como desdobramento do protesto. Surgiu então a idéia de uma passeata, que não foi nossa. Só tem que ser *uma passeata ampla*, nós não pudemos repetir o que está acontecendo aí, que é ir meia dúzia de estudantes pra rua brigar com a polícia. O movimento já tomou um volume. Pelas pessoas que participaram no protesto do palácio nós temos a possibilidade de fazer uma passeata ampla com a participação de muitos setores da sociedade. O palácio já tinha dado a nós a idéia da amplitude do descontentamento. O descontentamento não era só nós do grupo opinião, nós da UNE, não era. Era uma coisa que atingia pessoas como Clarice Lispector²² que nunca se meteu em política” (Fábio).

“Então, enquanto essa reunião estava acontecendo no teatro, o partido mandou me chamar, veio um emissário do partido me chamar e eu fui pra rua num carro, aqui, na rua tonelero. Estava lá um dirigente do partido, dentro do carro, e queria conversar comigo. Aí discutimos o que estava acontecendo e ele então me deu a seguinte notícia: olha, nós estamos em contato com a igreja, estamos em contato com a Associação de Mães, estamos em contato com a Associação de Professores e com algumas Associações de bairros. Então, nós vamos mobilizar esse pessoal, vamos ganhar esse pessoal para a passeata. Não deixa a passeata sair só com estudante. Vocês têm de resistir aí dentro até que a gente consiga o acordo de toda essa gente” (Fábio).

“Porque as pessoas que não têm experiência política pensam que bravata, que o protesto pelo protesto é o que vale. Eles não têm a consciência de que o que vale é a mobilização da sociedade. E que o verdadeiro governo está no povo, está na maioria. O outro poder ele pode estar na arma do militar, do milico, dura por algum tempo, mas vai deteriorar e vai acabar porque se o povo se volta contra ele... Se é ditadura vai terminar sendo derrubada. Então essa noção é demorada, não é pra amanhã, mas as pessoas que não têm essa experiência, eles querem tudo apressado. Eles não acreditam, primeiro, que a massa seja capaz de mudar a situação, eles acham que é só violência, arma, tiro, guerrilha, que é por isso que muda. E naquela época então, isso tava na cabeça de uma porção de gente” (Fábio).

²² Escritora, autora de livros como *Água viva*, *A hora da estrela*, *A paixão segundo G.H.* .

“A igreja é a principal adesão que nós temos aqui. E a igreja para participar disso impõe algumas condições. A primeira condição é a seguinte: Que se estabeleça um roteiro que já foi negociado com o governador, que é o seguinte: Saímos da Praça General Floriano em frente a Câmara dos Vereadores pegamos a Avenida Rio Branco vamos até a Candelária voltamos pela Rua Uruguaiana e terminamos com outro comício em frente a Câmara dos Vereadores. Tem esse roteiro. Não pode sair do roteiro” (Fábio).

Segundo o informante, procurou-se um contato com o Vladimir Palmeira e ele disse que tinha que obedecer ao roteiro. O que interessa é a passeata expressiva.

“Bom, então finalmente já era quase de madrugada quando se chegou ao acordo de que a passeata ia sair. Então tomamos a seguinte providência: Cada um de nós aqui presente mobiliza cinco pessoas. Além das entidades que vão participar cada um de nós está obrigado a mobilizar cinco pessoas” (Fábio).

“Mães, artistas, intelectuais, estudantes e religiosos se reuniram ontem no Teatro Gláucio Gil e resolveram participar da passeata dos estudantes amanhã. Lançaram um manifesto denunciando “o clima de terror militar existente na Guanabara” (JB 25/06/68).

No teatro Gláucio Gil dia 24/06 o encontro durou 7 horas e foi dividido em duas etapas: A primeira, com a reunião de 74 mães e uma Segunda onde intelectuais e artistas endossaram as palavras das mães e elaboraram um outro documento.

Uma parte do documento das mães dizia “... Nossos filhos expressam seus anseios que são o direito de estudar e de participar da vida pública de seu país. Não vamos continuar assistindo impassíveis às humilhações e ao massacre de que estão sendo vítimas os nossos filhos. Queremos assim manifestar a mais viva repulsa às últimas violências e pedir ao povo brasileiro que nos apoie com sua compreensão e nos acompanhe em nosso protesto”. Se falava ainda da insegurança das mães e ameaça constante a integridade física e moral de seus filhos.

A atriz Isolda Cresta ao falar da reunião no Gláucio Gil disse que eram mais ou menos umas 70, que, cada uma deve ter convidado, pelo menos, mais dez. Então seria aproximadamente 700 o número de mães que estarão na passeata. (JB, 26/06/68).

Os padres também participaram das reuniões realizadas no Teatro Gláucio Gil. Os dominicanos, os Lazaristas, que participaram do “cerco da Candelária” e saíram de mãos dadas na rua contra a repressão policial.

Calculava-se o comparecimento de 100 padres na manifestação.

A passeata sairá sob a condição de pacífica, de que não haja perturbação da ordem pública.

Segundo o Jornal do Brasil o Secretário de Segurança afirmou que havia cerca de 36 estudantes de São Paulo, treinados em guerrilha e teriam chegado ontem ao Rio para participar da concentração e da existência de um plano terrorista.

Segundo o Jornal do Brasil haviam 200 presos no DOPS (26/06/68).

500 professores, entre os quais padres e freiras decidiram realizar hoje as 12 horas uma concentração no pátio do MEC de repúdio as violências contra os estudantes. Para amanhã as 11h30m, os estudantes marcaram uma manifestação com a participação de pais, do clero e de professores, que começará na Cinelândia”. (JB 25/06/68).

Uma Situação Liminar

Há nesse dia do evento uma suspensão das atividades rotineiras.

“Antecipadas pelo Governador Negrão de Lima começam amanhã as férias de meio de ano em todos os estabelecimentos de ensino do Estado, medida adotada para que os pais e responsáveis pelos alunos possam exercer maior controle sobre eles, contribuindo assim, para a tranquilidade da família carioca” (JB 23/06/68).

“Universidade suspende aulas e Negrão antecipa férias” (JB 23/24/06/68). “O conselho universitário da UFRJ suspendeu ontem as aulas por tempo indeterminado porque não há tranquilidade necessária a realização das provas”.

“Líderes estudantis e padres se reunirão hoje em sigilo” (JB 23/06/68).

É importante pensar em relação as manifestações a forma como o Estado mobiliza-se em relação as mesmas. No caso da passeata dos Cem Mil em manchete do Jornal do Brasil no dia anterior a Passeata podemos observar que a “Polícia mobiliza 30 mil para reprimir : Quinhentas máscaras de proteção contra o gás lacrimogêneo foram entregues ontem ao Regimento de Cavalaria Caetano de Farias; 200 homens em cinco pelotões – cada pelotão – de 40 homens montados; O Batalhão motorizado com o total de 600 homens; Os oito batalhões da PM armados de revólveres calibre 38 ou 45, cassetetes de borracha, madeira ou alumínio e bombas de gás lacrimogêneo ou de efeito moral, atingem a 4800 PMs, munidos inclusive de capacetes novos; A guarda civil é formada de mais de cinco mil homens, sem contar os três mil detetives e delegados. Esta tropa está a disposição da Secretaria de Segurança do Estado que está disposta a não permitir a passeata programada para amanhã (JB 25/06/68).

Clero participará oficialmente.

Participação da Manifestação popular, pacífica e apartidária.

Se fosse possível precisar o momento exato em que o governo Costa e Silva perdeu definitivamente a batalha pela conquista da opinião pública, esse momento estaria situado entre os dias 19, 20 e 21 de junho – Quarta, Quinta e Sexta-feira. Mais por insensatez própria do que por estratégia do adversário, as autoridades estaduais e federais, em três dias, atraíram para si o ódio da classe média, e aceleraram o que na época se chamava de “ascenso do ME”.

A morte de Edson Luis já tinha provocado uma grande comoção, a repressão na porta da Candelária chocara e indignara, mas o que de fato levou a população a tomar partido, a se revoltar, a entrar fisicamente na guerra, foi a “Sexta-feira sangrenta”.

Graças a ela, a cidade estava quase pronta para a Passeata dos Cem Mil” (Ventura:142).

Foi uma sequência ocorrida à semana anterior a passeata. Onde ocorreu uma intensa repressão, muitos feridos, mortos, sequestro, espancamento, como também muitas prisões.

Segundo o relatório do Dops “centenas de comícios-relâmpagos foram realizados na véspera, acompanhados de milhares de panfletos, objetivando preparar o povo para compactuar com o movimento. Em diversos pontos da Guanabara foram realizados comícios, em que os oradores ora estudante, ora artista ou intelectual”.

A convocação para a passeata era feita através de cartazes, boca a boca, panfletos.

É importante ressaltar através dos depoimentos que a repressão vai se intensificando, há mais prisões, há mortes e o medo vai se generalizando de 64 a 68.

Ao falar dessa gradação a informante diz: “A outra coisa também que fica muito clara nesse final de período quando tá acontecendo 68, que aí já tem toda perspectiva de mudar, de mudar o tipo de reação ao regime. As perspectivas... Com a participação na luta armada e tudo. As organizações começam a aparecer de forma muito clara, e também muito fragmentada. Isso é uma coisa que a gente vai viver nesse período ainda na universidade. No princípio do curso, eu tinha a sensação que você tinha um grupo comunista e um grupo

católico. Normalmente, nas avaliações que se faz da minha participação e de outras pessoas também no período. As vezes a gente aparece na esfera de influência do partido comunista, as vezes na esfera de influência da igreja, uma coisa assim um pouco indefinida” (Márcia).

Ao falar da travessia das barcas de Niterói para o Rio para ir a passeata a informante diz que portava “bandeiras, com faixas enroladas, que nós mesmos fazíamos. Pintávamos lá e tal... Agora, houve um momento em que tudo isso tinha que ficar escondido. Para você atravessar vinha tudo escondido dentro da bolsa” (Márcia).

É importante pensar a passeata a partir desses eventos antecedentes. Há uma relação íntima entre eles. Esse momento de **esperança** que alguns entrevistados falam está mesclado com um sentimento de **medo**. O medo foi um sentimento expresso em vários depoimentos sobre esse período. Principalmente, quando se fala da gradação da repressão, das mudanças dos métodos repressivos e o aparato repressivo vai se intensificando.

Durante

Início da Passeata

Vamos descrever o evento em si. Qual a importância simbólica desse evento? Como esse evento se transformou na passeata dos cem mil? O que diferencia, singulariza essa passeata das anteriores?

Passeata autorizada

Segundo os informantes, a questão da repressão estava relacionada a autorização ou não da passeata.

Até o dia anterior as pessoas não sabiam se ia ou não ser autorizada, os jornais noticiavam a compra de materiais tais como bomba de gás lacrimogêneo, coletes, etc por parte da polícia, o que gerava um clima de muita tensão.

O governador Negrão de Lima, depois de uma reunião que durou aproximadamente 50 minutos com o comandante do I Exército e com um encontro com o ministro da justiça, resolveu autorizar a passeata (JB 27/06/68).

A passeata pôs a Marinha em prontidão rigorosa. Todas as unidades da Marinha sediadas no Rio de Janeiro ficaram ontem em regime de rigorosa prontidão e a guarda do Ministério da Marinha passou a ser feita por marinheiros em substituição aos fuzileiros navais que foram incorporados às tropas preparadas para sair às ruas, em caso de necessidade (JB, 27/06/68).

Ainda segundo o Jornal do Brasil, o tráfego na Av. Rio Branco foi fechado a partir das 10 horas e o comércio no centro da cidade funcionará. A Polícia Militar permanecerá nos quartéis.

No relatório do Dops consta: Passeata autorizada. Apesar da escassez de dados, é importante pensar o poder e monopólio físico e simbólico que o Estado tem através do Poder Executivo Nacional Presidente da República e Estadual, Governador do Estado de autorizar uma passeata. Assim como foi noticiado na grande imprensa a compra de aparatos repressivos para reprimir a passeata.

Através dos dados do DOPS pude observar a descrição de quem participou da passeata, os panfletos apreendidos. Num relatório de 18 páginas do Departamento de Ordem Política e Social datado de 28/06/68 o informante assinala Passeata Permitida.

Situação Particular : A Secretaria de Segurança Pública, através de seus órgãos manteve observação constante, acompanhando e comunicando através de elementos infiltrados entre o povo todos os movimentos dos manifestantes, durante a passeata permitida.

Itinerário: A bel prazer dos manifestantes.

O agente do DOPS, portanto, não obteve a informação do trajeto da passeata.

Comunicações: Em diversos pontos estratégicos da cidade, foram distribuídos em edifícios, agentes munidos com rádio motorola, em comunicação permanente com a estação Elmo.

A Concentração:

A passeata dos cem mil ocorreu numa Quarta-feira do dia 26 de junho de 1968. Começou a partir das 10:00hs e foi até 17:45hs. Em reuniões os grupos marcaram os pontos de concentração, de encontro, antes de ir a Cinelândia, lugar onde seriam realizados os comícios.

O jornal O Correio da Manhã diz que “Marcha do Povo reúne Cem Mil”. E que as 10h:30min na Cinelândia estavam apenas os pombos, um pequeno grupo de estudantes perto do busto do ex-presidente Getúlio Vargas e um pequeno grupo de policiais disfarçados junto ao Bar Amarelinho. O quartel Central fica na Rua Evaristo da Veiga, próximo a Cinelândia.

A partir dos eventos e reuniões precedentes, os diversos grupos combinaram em pontos diferentes para saírem juntos e irem a Cinelândia. O grupo das mães, através da reunião no teatro Gláucio Gil, marcaram no prédio da Escola Nacional de Música, no Passeio Público. O grupo de estudantes de Direito marcaram no prédio da Faculdade de Direito na Praça da República. As pessoas vinham do Largo da Carioca, do Largo de São Francisco em direção a Cinelândia.

Os grupos de intelectuais, compreendendo artistas de teatro, cinema e televisão, escritores, cantores e jornalistas, vieram do teatro mesbla. Os professores, inclusive alguns padres e freiras, no início, se colocaram as 11h05m na escadaria do Teatro Municipal, onde continuaram durante a primeira meia hora (JB 27/06/68).

Com o ponto marcado em frente ao teatro municipal os padres estavam entre os primeiros a chegar. Calcula-se a participação de mais de 150 padres e freiras (Correio da Manhã em 27.06.68) . Os padres chegaram em grupos de cinco ou seis. Mantiveram-se unidos durante toda a passeata e se dispersaram também em grupos. Apenas um foi de batina, três de roupa esporte e o resto de Clergyman. As freiras ficaram atrás.

Os grupos marcaram em alguns pontos e seguiam para a Cinelândia. As pessoas iam se acomodando em torno da praça, nas escadarias da Biblioteca Nacional, nas escadarias do Teatro Municipal, nas escadarias da Assembléia Legislativa, onde foi montado um palco improvisado.

“Marcamos encontros fora, próximo a praça General, Marechal Floriano. Na periferia da praça ou nas proximidades da praça. Cada um de seus grupos e depois todo mundo se dirige para a praça” (Fábio).

As 11:00hs havia uma concentração nas escadarias da Assembléia Legislativa e um grupo à frente da Assembléia que chegava a 15000 pessoas e que já subiam pelas escadarias do Teatro Municipal e pela estátua do Maestro Carlos Gomes.

A concentração dos artistas era nas escadarias do Teatro Municipal.

Em depoimento uma entrevistada ao falar da passeata dos cem mil lembra da Cinelândia e da Av. Rio Branco. Disse que seu grupo fazia ponto na esquina da rua Santa Luzia com a

Av. Rio Branco. Eles se encontravam em pontos em grupo de 4 ou 5 onde iam começar a passeata. Grupos vinham de vários pontos da cidade: Passeio Público, Praça XV, Praça Tiradentes e Largo de São Francisco .

No livro Tropical Sol da Liberdade há o depoimento da mãe: “Mas nós fomos direitinho como dizia no panfleto. Grupo de cinco. E levamos lenço molhado dentro da bolsa, e comprimido de vitamina C efervescente, para o caso de bomba de gás...” (Machado, 1988: 93).

Em outros estados também houveram manifestações²³.

Através das fotos podemos ver os cartazes: “Contra a Censura”; “Liberdade”; “Libertação dos presos”; “Bancários contra a repressão”; “Universidade para o povo”; “As mães em defesa dos filhos”; “Soltem meu filho”. “Intelectuais, clero, mães e pais com os estudantes”; “Jornalistas contra a ditadura”. Na Av. Rio Branco uma faixa como um tapete onde se lia “ditadura assassina”.

Através das fotos podemos ver esses grupos de braços dados durante o trajeto da passeata.

Pessoas observavam nas janelas das lojas e dos edifícios.

O informante do Dops (pasta 38 – setor estudantil) ao descrever o início da concentração na Cinelândia diz que “ A turba (multidão em desordem) volta novamente a se movimentar e na esquina da rua Araújo Porto Alegre com Avenida Rio Branco, Luís Travassos, subindo no paracheque de uma Kombi pertencente a um jornal, placa GB 11801, faz rápido discurso, afirmando: “Apesar da repressão, de todas as proibições, nós estamos aqui. O importante é ressaltar que a nossa luta não é contra a ditadura que comanda a repressão. Nossa luta é também a luta do trabalhador contra a política salarial, é a luta do intelectual e do artista contra a censura. É, em última análise, a luta contra essa ditadura que nós, com o comando do povo e do trabalhador, vamos derrubar num combate sem tréguas”... Na esquina da Rio Branco com Assembléia, Luis Travassos subindo numa banca de jornal, fez novo discurso: “Maior organização, vamos marchar organizadamente e não aceitar provocações em hipótese alguma. Nossa manifestação é pacífica e deve ser organizada”.

Funcionários do DOPS estavam presentes em vários lugares da cidade. Anotando e registrando sobre o evento. Do bar amarelinho um dos funcionários registrava a chegada dos grupos. É importante assinalar que já nesse momento o sofisticamento das tecnologias facilitavam esse registro, na revista fatos e fotos há um registro de que através da fotografia²⁴ no dia seguinte a passeata pode-se detectar a presença da Frente ampla que significava a junção de políticos como os Lacerdistas, os Juscelinistas e os Goularistas. Assim como a partir dos relatórios do DOPS havia uma técnica no registro. No editorial “A Passeata começa na Cinelândia” da revista Fatos e Fotos (11/07/68) redigido por Murilo Melo Filho diz que “A Manifestação na Guanabara foi impressionante do ponto de vista político, popular e psicológico. Político porque superou a área estudantil, para aglutinar na mesma multidão uma frente ampla, de oposição ao governo. Popular porque revelou a capacidade do povo organizar-se em praça pública, ordeiramente. E psicológico, porque provou a existência de um estado de espírito que se supunha destruído pela rigidez dos métodos posteriores a março de 64”. Diz ainda que “Toda vanguarda da marcha foi fotografada pelos órgãos de segurança, que infiltraram seus agentes entre os fotógrafos profissionais. A esta hora, as fotos estão reveladas, ampliadas e exibidas para análise

²³ Seria importante recolher depoimentos sobre as manifestações em outros estados para poder relacionar com a manifestação no Rio, porém, até o presente momento não pude fazê-lo.

²⁴ Em pesquisa no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro busquei tentar encontrar estas fotos, o que seria muito rico confrontar com as retiradas por jornalistas do jornal do Brasil, mas estas fotos não estavam disponíveis.

cuidadosa. Desse exame, resultou outra surpresa para o governo: ombro a ombro com os estudantes, estavam além dos professores, dos padres e das freiras, conhecidos próceres Juscelinistas, Janguistas e Lacerdistas. É a própria Frente Ampla rediviva – disse um coronel ao examinar as fotografias” .

Atores

Estavam presentes na passeata: Artistas, Mães e Pais de estudantes, professores, secundaristas e universitários, parlamentares, clero, representante de sindicatos, jornalistas, arquitetos, médicos e engenheiros.

Em seu livro Os Carbonários Syrkis ao descrever a passeata diz que “levamos mais de quinhentos secundaristas de vários colégios da zona sul. No CAP a mobilização foi boa, mais de cinquenta” (Syrkis, 1980:75).

As escadarias da Assembléia Legislativa

O diálogo da mãe com a narradora no livro Tropical Sol da Liberdade expressa os sentimentos presente no evento: “Mas no dia da passeata eu também estava assustada, morrendo de medo, com pânico de que de repente alguém desse um tiro nele, tão bonito, falando tão bem, *no alto daquela sacada ou escadaria*, sei lá... Morria de medo. Por ele, por vocês. Por mim, não, engraçado. Eu sentia que o meu lugar era ali; que, se todas as mães fossem, e ficassem junto dos filhos, a polícia não ia poder atirar neles para não pegar na gente. E, se resolvessem atirar, era melhor eu estar perto. Quem sabe se não podia ajudar?” (Machado, 1988: 94).

Por volta de meio dia chegou o líder estudantil Vladimir Palmeira. Foi armado um palco improvisado, ele fez um discurso e passou a palavra para outros representantes.

Os manifestantes sentaram na praça Marechal Floriano.

Vladimir vai chamando os oradores e advertindo... Fala um representante da UNE seguido de um representante da AMES... Fala o representante dos professores José Américo Pessanha... O Psicanalista Helio Pelegrino, representante dos intelectuais... Dona Irene Papi... a representante das mães. Tem que esperar algum tempo de aplausos para começar e diz “falo em nome de todas as mães que viram seus filhos serem massacrados e seus filhos deitarem de bruços como se estivessem em campo de concentração... Finalmente, às 13h:40min, volta a falar Vladimir, desta vez rapidamente, para encerrar a concentração e dar início a passeata” (Ventura, 1988: 161).

Segundo relatório do Dops a ordem dos discursos foram Representante dos Professores, Representante da FUEC, Representante dos Sindicatos, Representante dos Intelectuais, Representante do DCE - UFRJ, Representante das Mães, Representante da extinta AMES, Representante do Clero, Vladimir.

Os manifestantes sentaram na praça Marechal Floriano , na Cinelândia.

Uma entrevistada lembrou que como não havia auto-falante, apenas um pequeno microfone nas passeatas, as pessoas sentavam e começavam a repetir o que a liderança falava, parecia uma oração, disse ela.

Avenida Rio Branco

LIBERDADE. O Cesinha escreveu lentamente, jorrando em letras vermelhas num prédio da Rio Branco... Caixas de papelão cheinhas de sprays eram repartidas pelas calçadas e todos íamos deixar nossa marca pelo cimento da metrópole. O centro ficou prolixamente coberto de frases contra a ditadura e reivindicações estudantis. Depois que terminou o preto e o vermelho, de todas as cores: azul, verde, dourado, prateado e rosa “shock” (Syrkis, 1980:76).

Esses ritos põem em ação sentimentos e idéias coletivas. Tempos e condições da expressão coletiva dos sentimentos. Palavras de ordem, cantos como expressões orais de sentimentos e emoções com caráter coletivo. São linguagens. As pichações como formas de expressão artística. É preciso emití-los. É uma manifestação dos próprios sentimentos, é uma expressão pública.

As 14:00hs os manifestantes se deslocam da Cinelândia e formam alas pela Av. Rio Branco e se organizam para sair em passeata. À proporção que iam avançando pela Av. Rio Branco, do alto dos edifícios, caía uma chuva de papel²⁵. Durante a passeata comícios relâmpagos são feitos em pontos diferentes.

Num balcão duas funcionárias picavam freneticamente o catálogo telefônico, em confetes grandes, que a brisa espalhava voando graciosamente, alvos, depois dourados. É que elas agora picavam as páginas amarelas. (Syrkis, 1980:76).

Na revista Fatos e Fotos de 11 de julho de 1968 diz que “Dali, todos se dirigiram, formando correntes humanas, com os braços entrelaçados, para a Candelária, através da Avenida Rio Branco”.

Os organizadores colocaram os artistas na frente da passeata. Eles saíram de braços dados.

“Memórias” da passeata: Com Roteiro, a bel prazer ou Nau Sem Rumo?

Ao falar da passeata uma informante a descreveu como uma *Nau Sem Rumo*.

“A gente foi na contra-mão também?” (Laura)

“Começou na Cinelândia. Depois nós fomos na Câmara dos Deputados. Depois nós fomos na Candelária. Depois fomos até o Moncorvo Filho. Quer dizer era uma Nau sem rumo mesmo. Andamos pra lá e pra cá. E não tinha jeito de acabar, mesmo porque ninguém queria acabar, não é? (risos) (Laura).

“Andamos a cidade toda” (Laura).

“Começou de manhã, 11 horas e deve ter acabado no fim da tarde” (Laura).

²⁵ Importante pensar a relação de um evento realizado na década de 60 nesse espaço da Avenida Rio Branco: do desfile das escolas de samba. Até 64 eram realizados na Avenida Rio Branco. Depois, meados de 60 o desfile passou a ser na Avenida Presidente Vargas.

Indaguei se lembravam das pessoas falando nesse dia “Eu me lembro do Vladimir, me lembro do Hélio Pelegrino” (Laura). “Eu me lembro do Vladimir, eu me lembro dos padres. Não teve a questão dos padres?” (José) “Hélio Pelegrino eu me lembro muito” (Laura). “Os padres não abriram caminho?” (José). “Isso foi na missa de Edson Luis” (Laura).

As memórias dos acontecimentos entrecruzam-se.

Esquemas de Segurança

É interessante pensar que na passeata houve um esquema de segurança não só para as lideranças, mas para as mães, o clero. Segundo o Jornal do Brasil, “o esquema de segurança das mães é o mesmo dos intelectuais à exceção de que o grupo encarregado pelo Comitê Central de protegê-los será maior: em número. Cada grupo de cinco mães deverá ter dois elementos de segurança, todos do sexo masculino e conhecedores de diversos tipos de táticas de fugas”²⁶ (JB 27/06/68).

A ordem da passeata:

A frente da passeata vinham as lideranças estudantis, depois os estudantes ligados a FUEC, o contingente das faculdades (primeiro as federais, depois as particulares), os artistas, outras delegações de faculdades, os intelectuais, o clero, as mães, os arquitetos, os estudantes do colégio Pedro II, os professores, os jornalistas, os estudantes da faculdade da UEG.

Palavras de ordem

“Durante a passeata, eu me lembro que começou uma palavra de ordem, começou, assim um slogan, a ser murmurado, a ser dito, gritado, que era assim: Só o povo armado derruba a ditadura, no meio da passeata e aí, imediatamente, o nosso grupo começou a gritar só o povo unido jamais será vencido. Só o povo unido jamais será vencido. Em contraposição a essa coisa do pessoal maluco só o povo armado derruba a ditadura” (Fábio).

A Passeata e o canto:

Segundo o depoimento de uma informante, na passeata dos cem mil “cantamos o hino nacional, que não era uma coisa muito comum. Eu acho. O meu sentimento é que somente muito mais tarde a gente recupera o hino nacional...O hino Nacional passou a representar, a está ligado ao regime. Sabe que os militares são muito marcados por esta utilização dos símbolos. Então nos fazia mal. É como se a gente tivesse cantado o hino para eles. E na passeata, eu posso tá enganada, ele nos juntou” (Márcia).

Segundo o depoimento de uma informante dizia que nas passeatas “cantávamos também algumas músicas, principalmente dos festivais de música, já algumas cantigas de protesto. Tem a Música do Vandrê, que realmente foi muito cantada “Caminhando e Cantando...” .

“Não se cantava o hino nacional. Naquela época, o hino nacional não tinha prestígio. Ninguém queria saber do hino nacional. O hino nacional era dado como coisa dos milicos” (Fábio).

Durante a passeata se cantou o hino nacional, segundo fontes impressas o coro formado pelas freiras era o que mais se sobressaía.

Segundo o Correio da Manhã de 27/06/68 Diz que “logo depois dos padres, vinham o protesto das freiras, Vicentinas, Ursolinas, irmãs de caridade e Marianas. Aproveitando a sua experiência em coros religiosos, padres e freiras dividiam seus slogans em partes, para descansar a voz. As

²⁶ Essas táticas mereceriam uma pesquisa mais detalhada.

frases mais repetidas durante o trajeto foram: Os alunos têm razão; a Igreja é do povo; A Igreja quer justiça; Brasil dos Brasileiros; Chega de Omissão: Participação, liberdade para os presos...A Igreja está em Marcha e precisamos de vocês”. Um grupo de padres jovens gritava: Liberdade para a Igreja e a Igreja é contra a Ditadura. As freiras um pouco tímidas, repetiram muitas vezes os trechos mais fortes dos hinos Nacional e da Independência.

“ A passeata era enorme. Já chegava na Candelária e ainda havia gente na Cinelândia. Os cordões de gente sorridente, gritando, os braços entrelaçados, avançavam lentamente. Eu descobria aqui e ali amigos de infância que nunca mais tinha visto, pais de amigos, professores. A classe média carioca comparecera em peso.

Era a réplica, em sentido inverso, da “Marcha da Família”, com a qual essa mesma classe média saudara o golpe de 64 (Syrkis, 1980:77).

“A passeata voltou a percorrer as ruas do centro. As pessoas das calçadas eram sensíveis ao nosso “não fique aí parado”. Davam as mãos e entravam no cordão, na corrente pra frente. Alguns caminhavam apenas um quarteirão e tal e depois voltavam sob aplausos. Outros ficavam na passeata e se enturmavam alegres com a multidão.

Uma das nossas colegas do CAP especializou-se em puxar gente pra dentro. Subia na calçada, pegava na mão de um, juntava com os outros e puxava o cordão, toda marota . (Syrkis, 1980:77).

“Findo o comício, a passeata, que se calculava numas cem mil pessoas, desceu a Rio Branco, rumo à *Candelária*. Era o carnaval na avenida (Syrkis, 1980:76).

Na **Candelária**

“O relógio da Central do Brasil marcava 16 horas e a passeata estava na Candelária. Em cima da capota de um carro Vladimir não poderia deixar de lembrar: Este lugar tem um significado muito grande para nós. Na missa de Edson, foi aqui que nós fomos violentamente reprimidos... “(Ventura, 1988: 163).

O Jornal Correio da Manhã diz que “os manifestantes ao chegarem na Avenida Presidente Vargas, a multidão voltou a sentar-se no chão para ouvir novos discursos, no segundo comício improvisado, nos fundos da Igreja da Candelária, sob comando das lideranças estudantis” (Correio da Manhã, 27/06/68).

A passeata e a sua passagem por pontos significativos da cidade. Essa passagem dá um sentido coletivo ao espaço da cidade transformando-o em social.

Nova passeata é iniciada através do percurso: Av. Presidente Vargas, Rua Uruguaiana, rua Sete de Setembro e Largo da Misericórdia.

Segundo relatório do DOPS “Nova concentração é realizada diante do **Palácio Tiradentes** (Praça Quinze), onde a turba ocuparam as escadarias. Próximo à estátua de Tiradentes, Vladimir Palmeira dirigiu a palavra aos presentes, afirmando: “...Esta concentração neste local, também tem um sentido político, pois Tiradentes morreu em defesa da Liberdade do Brasil...” Em seguida falaram representantes de sindicatos, intelectuais, líder dos favelados e estudantis.

As 17:45 A Concentração por ordem das lideranças estudantis é dispersa. Os líderes saem amparados por um esquema de segurança, para evitar que sejam presos pela Polícia e os órgãos de informações”.

Segundo Vladimir na passeata dos cem mil “estávamos com um medo especial da provocação policial. Eu falei me virando a todo momento, porque nos avisaram que havia ameaça de um atentado. Tinham me dito para ficar de lado, de frente, mudar de posição constantemente, me abaixar, não ficar exposto muito tempo, e assim fiz. Quando a passeata já estava em marcha, **quase na altura da Candelária**, realmente descobriram no meio da multidão um policial em atitude suspeita” (Dirceu e Palmeira, 1998:141).

No dia seguinte os jornais noticiavam sobre a passeata. Várias manchetes. É interessante observar no relatório do Dops o significado da passeata e a preocupação com o que podia acontecer pela frente. De apenas estudantes, as manifestações estavam transformando-se em manifestações de massa com vários grupos da sociedade civil. Era preciso fazer alguma coisa.

Organização X Improvisação

Em livro, Vladimir ao falar da organização da passeata afirma que “eu não havia participado de organizações, estava confinado na Barra da Tijuca. Quando cheguei, vi que era uma bagunça, e assumi a liderança dos trabalhos. Havia uma comissão ampliada no comando, que decidia quem iria falar. Mas na prática quem dirigiu a manifestação dos cem mil fomos nós: eu Franklin, Muniz e Cid, como nas reuniões estudantis” (Dirceu e Palmeira, 1998:140).

“A massa estudantil era maioria naquela multidão e já estava acostumada a lidar com o povo: os estudantes conduziam os outros setores da população, transmitindo as diretrizes e mantendo a ordem” (Dirceu, Vladimir, 1998:140)

A pouca organização que tinha era por setores estudantes, artistas,...” (Laura).

Em depoimento uma das entrevistadas fala da passeata dos cem mil e compara com outras passeatas “A passeata dos Cem Mil foi um pouco mais organizada. Eu acho. Foi mais organizada no sentido que tinha alas. Os Cem Mil não era uma passeata de estudantes. Acho que foi isso que a diferenciou das outras. Não era uma passeata estudantil. *Uma passeata estudantil tinha esse tom meio anárquico...* A gente tinha convidados. Eu pelo menos vejo essa participação da ótica do movimento estudantil. Eu acho que os Cem Mil já extrapolou muito isso. É preciso analisar essa participação de vários setores. E ainda tinha artistas. *Teve uma organização.* As principais figuras de maior destaque, maior projeção da pequena mídia da época... Você vê artistas de braços dados, os políticos de braços dados. Tinha uma certa estratificação em termos de participação para depois vir a massa, digamos, do movimento estudantil, dos trabalhadores. Então eu acho que ela foi mais organizada. Sem dúvida ela foi mais organizada. E tinha, a tal das figuras, essas pessoas que discursavam feito o Travassos, o Vladimir... Isso na hora parecia uma coisa meio anárquica. Agora, vai falar, aí suspende Vladimir e sobe Vladimir não sei onde e fala. E Vladimir não falava de uma só vez, repetia. Mas de toda maneira acho que nela houve uma organização” (Márcia).

É interessante pensar que na passeata há algo de improvisado, ou seja, coisas que vão acontecendo espontaneamente. Esse dia era o dia dos bombeiros, quando se passou em frente ao prédio se aplaudiu, como se vê no depoimento de Laura: “Aconteceram coisas muito interessantes, por exemplo, era dia do aniversário do corpo de bombeiro, então, a população na hora que passamos na frente do corpo de bombeiro cantou parabéns pra você, entendeu? Umas coisas muito malucas”. Assim como “Na hora de passar na frente do Souza Aguiar as pessoas faziam silêncio por causa dos que estavam no hospital, muita coisa assim maluca, cem mil pessoas”. Ela lembrou também que passaram na frente do Tribunal Militar porque havia uma liderança estudantil presa.

Na pasta 38 do setor estudantil do DOPS um informante da Divisão de Operações – Seção de Buscas Ostensivas diz que “durante a concentração notamos o trabalho desenvolvido pelos “grupos de segurança” e dos chamados “pombo-correio”, compostos de estudantes escolhidos entre os mais fortes. E continua, Notamos, desde a manhã, uma cidade agitada, amedrontada, com o comércio semi-cerrado... Era um clima de insegurança e medo. E segue, “milhares de pessoas ocorreram as ruas, perfeitamente organizadas, manifestando-se através de faixas, discursos, aplausos. Com habilidade indiscutível... Os líderes levaram a cabo a passeata programada na mais perfeita ordem e disciplina”.

Segundo Relatório do DOPS (setor estudantil – pasta 38) “ a passeata de vinte e seis patenteou o conteúdo político da questão estudantil. A forma ordeira, branda, como se processou, mostrou o sentido político que a violência não permitia ver. A atitude que o governo tomar será de grande importância, do contrário, cabe aqui uma séria pergunta: Por quanto tempo serão somente os estudantes na rua? Receia-se que perdesse a inação governamental”.

Na visão do DOPS a partir da passeata dos cem mil é expresso a organização do movimento estudantil e já existe uma mudança na representação da organização do movimento estudantil.

Comunicação

“Sabe, tinha essa coisa, que a gente acabou criando essa coisa de informação paralela, boca a boca, de uma imprensa alternativa mesmo, muito embrionária. Não há jornais alternativos que se encontravam nas bancas, não. Era muito menos do que isso. Panfletos que circulavam. A gente acabou tendo muita informação. Isso já desde dessa época a gente já vinha se estruturando. Então nós montamos uma rede informal de informação, que eu acho que permitia você divulgar muito rapidamente um evento. Permitia muito rapidamente fazer circular uma informação sobre alguma coisa terrível que tinha acontecido, sobre a prisão de alguém, coisas que nos levavam muito rapidamente a fazer manifestações... Então nós criamos isso. Estruturamos isso como se estruturavam outras coisas, como nas prisões e tudo mais. Esta capacidade de organização era na verdade um capital cultural que a gente tinha né? “ (Márcia).

Depois

A Comissão dos Cem Mil foi criada no dia da passeata dos Cem Mil e foi formada por representantes dos estudantes Franklin Martins e Marco Medeiros, representante dos intelectuais Helio Pelegrino, representante do clero Padre João Batista, representante dos professores Prof. José Américo Pessanha e representante das mães Irene Papi.

Após a passeata ficou decidido se dar o prazo de uma semana ao Governo para atender as reivindicações.

A Comissão dos Cem Mil pediu ao Presidente a libertação dos presos e a reabertura do Calabouço, mas não foi atendida. (JB. 03.07.68).

O que levou a uma organização de uma nova passeata no dia 4 de julho de 1968 designada pelo DOPS de Passeata Popular das 100 mil pessoas.

Segundo Schwarz “somente em fins de 68 a situação volta a se modificar, quando é oficialmente reconhecida a existência de guerra revolucionária no Brasil. Para evitar que

ela se popularize, o policialismo torna-se verdadeiramente pesado, com delação estimulada e protegida, a tortura assumindo proporções pavorosas, e a imprensa de boca fechada” (Schwarz, 1978:72).

Em outubro de 68 há a prisão das principais lideranças no XXX Congresso da UNE em Ibiúna, São Paulo e em dezembro de 68 há a decretação do AI-5.

Considerações Finais:

Ao indagar a uma informante sobre o clima da passeata ela disse que “era já não tão alegre. Não tão leve. Se é que dá para se chamar aquilo de alegre. Eu acho que ali a coisa já tá... Até um certo sentido, a própria passeata não tinha a intenção disso. Os adultos estão mobilizados, as mães, intelectuais... Muito pesado já... Terrível em certo sentido, por causa do compartilhamento, aquela coisa coletiva, a sensação de que muita gente estava conosco. Também acho que aí começa a ... Esses primeiros movimentos de que a coisa era séria, que ia ser difícil, mas ali havia muita esperança” (Márcia).

Importa também pensar os usos e símbolos que “os cem mil” têm hoje na sociedade brasileira. Como algumas manifestações passaram a ser representadas através da simbologia dos “cem mil”. Basta observar alguns eventos que foram designados como “Passeata dos Cem Mil” feita em 26 de junho de 1998²⁷, “a Marcha dos Cem Mil” realizada em 26 de agosto de 1999²⁸. O retorno do evento realiza-se pela via da comemoração.

O MAM, o teatro Gláucio Gil, alguns colégios, ruas e avenidas, as escadarias do Teatro Municipal, da Assembléia Legislativa, a cinelândia, a candelária,... são pedaços da cidade lugares que lembram, fazem recordar o evento.

Para finalizar recordaremos Calvino em *As cidades invisíveis* no texto “As cidades e a memória”: “...A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (Calvino, 1990: 15).

Metodologia

Utilizei como fontes jornais, basicamente o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, relatórios do DOPS²⁹, revistas, livros, romances, literatura infanto-juvenil para fazer uma reconstrução do evento. Realizei também algumas entrevistas. Nesse sentido, vale a pena relatar a experiência da entrevista nesse trabalho. O que tenho a dizer é que os dados foram sendo enriquecidos na medida em que entrevistava distintos grupos sociais (secundaristas, professores, artistas, universitários). Realizei 7 entrevistas: com um artista, uma professora, um advogado, um economista, uma médica, uma fonoaudióloga e um engenheiro.

²⁷ Foi uma passeata organizada pelo movimento estudantil. Seu percurso foi da Candelária à Cinelândia, passando pelo prédio do MEC (Ministério da Educação e Cultura), onde a polícia explodiu uma bomba contra os manifestantes.

²⁸ Manifestação que ocorreu em Brasília que mobilizou vários setores da sociedade civil.

²⁹ Departamento de Ordem Política e Social.

Conversei informalmente com outros grupos. Para fins desse trabalho, utilizei apenas 5 dessas entrevistas. Na época, um dos entrevistados se identificava como pertencendo ao grupo Opinião³⁰, um outro como liderança estudantil da AP (Ação Popular), dois estudantes de Direito e militantes pelo PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), dois secundaristas do CAP (Colégio Aplicação) e uma cientista social e estudante de filosofia. Em relação ao gênero, eles eram três mulheres e dois homens (com idades variando entre 40 a 70 anos). Os locais das entrevistas foram diversos: bar, escritório, faculdade, residências.

BIBLIOGRAFIA

Alves, Márcio Moreira 68 Mudou o Mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Bahia, Joana D'Arc do Valle "O Tiro da Bruxa" – Identidade, Magia e Religião entre Camponeses Pomeranos do Estado do Espírito Santo. Tese de doutorado defendida no Museu Nacional – PPGAS, 2000.

Braudel, Fernand "A Longa Duração" In História e Ciências Sociais. Lisboa: Editorial Presença.

Bretas, Marcos Luiz A Guerra das Ruas: Povo e Polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

Cardoso, Irene "68: a comemoração impossível". In Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. V. 10, no 2 (Outubro de 1998) – São Paulo, SP: USP, FFLCH, 1989.

Champagne, Patrick "La Manifestation: La production de l'événement politique" In Actes de la Recherche en sciences sociales no 52-53 – juin 1984.

Castro, Marcos de A Igreja e o Autoritarismo. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1985 (Brasil: os anos de autoritarismo).

Comerford, John Cunha "Ocupando – Estudo sobre ocupações de órgãos públicos por trabalhadores rurais" In Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

Dalcastagnè, Regina O Espaço da Dor: O regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

DaMatta, Roberto "Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil" In A Casa e a Rua. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

Dirceu, José e Palmeira, Vladimir Abaixo a Ditadura: O Movimento de 68 Contado por seus Líderes. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Garamond, 1998.

Geertz, Clifford "Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder" In: O Saber Local. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Gillis, John R. "Memory and Identity: The history of a relationship" In Commemorations: The politics of national identity. Princeton University Press. Princeton, New Jersey.

Gullar, Ferreira Toda Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

³⁰ "Formado por artistas e pensadores que trabalhavam com os estudantes e os operários, sempre de olho na cultura do povo" Ana Miranda in Caros Amigos, fev. 2000.

Leite, Márcia Pereira “Da metáfora da guerra à mobilização pela paz: temas e imagens do Reage Rio” In Cadernos de Antropologia e Imagem/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995.

Machado, Ana Maria Tropical Sol da Liberdade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Martins Filho, João Roberto (org.) 1968 faz 30 anos. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Máximo, João Cinelândia: Breve história de um sonho. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

Moura, Roberto Carnaval: Da redentora à praça do apocalipse. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Coleção: Brasil: Os anos de autoritarismo).

Neiburg, Federico G. “O 17 de Outubro na Argentina” In Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS no 20 ano 7 out. de 1992.

Palmeira, Moacir e Heredia, Beatriz “Os Comícios e a Política de Facções” In Anuário Antropológico/94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

Paulo: Fapesp; São Carlos, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.

Pollak, Michael “Memória, esquecimento, silêncio”. In Estudos Históricos No 3 – Memória. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais – Vértice, 1989.

“Memória e Identidade Social”. In Estudos Históricos No 10 – Teoria e História. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

Prandini, Fernando, Petrucci, Victor e O.P, Frei Romeu Dale As Relações Igreja-Estado no Brasil 2. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

Reis Filho, Daniel A. e Moraes, Pedro de 68: A Paixão de uma Utopia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

Schwarz, Roberto “Cultura e Política, 1964-69” In O Pai de Família e outros ensaios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Literatura e teoria literária; v.27).

Sussekind, Flora Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985. (Brasil: os anos de autoritarismo).

Sento-Sé, João Trajano Lima “Estetização da Política e Liderança Carismática: O Caso do Brizolismo no Rio de Janeiro”. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro como requisito Parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências Humanas: Ciência Política. Rio de Janeiro, 1997.

Syrkis, Alfredo Os Carbonários: Memórias da guerrilha perdida. São Paulo: Global, 1980.

Valle, Maria Ribeiro do 1968: o diálogo é a violência. Movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

Ventura, Zuenir 1968: O ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Jornais

Jornal do Brasil, 1968

Correio da Manhã, 1968

